

# ESPAÇOS DE PERMANÊNCIAS, ESPAÇOS DE MUDANÇAS E LUGARES DE MEMÓRIAS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

PAOLA LUCIANA RODRIGUEZ PECIAR<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é o de revisitar considerações teórico-metodológicas de um estudo realizado desde a perspectiva da área do conhecimento da antropologia urbana que teve como tema o modo de vida da cidade contemporânea, caracterizada por usuários e práticas sociais heterogêneas, que reverberam no cenário material do espaço urbano. O estudo ocorreu em uma rua chamada Leganitos, em Madrid/Espanha, e foi embasado no conceito de espaço urbano de Michel de Certeau. Dele derivaram duas categorias de análise, espaços de permanências e espaços de mudanças. A proposta deste artigo é a realizar uma interpretação do estudo mencionado, com base no conceito de lugares de memória cunhado por Pierre Nora, desde a perspectiva da área do conhecimento da história.

## PALAVRAS-CHAVE

Espaços de Permanências; Espaços de Mudanças; Lugares de Memória.

## *SPACES OF PERMANENCE, SPACES OF CHANGE AND PLACES OF MEMORIES: POSSIBILITIES OF INTERPRETATION OF URBAN SPACES IN THE CONTEMPORARY CITY*

## ABSTRACT

The objective of this article is to revisit theoretical-methodological considerations of a study carried out from the perspective of the area of knowledge of urban anthropology that had as its theme the way of life of the contemporary city, characterized by heterogeneous users and social practices, which reverberate in the scenario urban space material. The study took place on a street called Leganitos, in Madrid/Spain, and was based on Michel de Certeau's concept of urban space. Two categories of analysis were derived from it, spaces of permanence and spaces of change. The purpose of this article is to carry out an interpretation of the aforementioned study, based on the concept of places of memory coined by Pierre Nora, from the perspective of the area of knowledge of history.

## KEYWORDS

Spaces of Permanence; Spaces of Change; Memory Places.

## *ESPACES DE PERMANENCE, ESPACES DE CHANGEMENT ET LIEUX DE MÉMOIRE: POSSIBILITÉS D'INTERPRÉTATION DES ESPACES URBAINS DANS LA VILLE CONTEMPORAINE*

## RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est de revisiter les considérations théoriques et méthodologiques d'une étude menée du point de vue du domaine de la connaissance de l'anthropologie urbaine qui avait pour thème le mode de vie de la ville contemporaine, caractérisé par des usagers hétérogènes et sociaux pratiques, qui se répercutent dans le matériau de l'espace urbain du scénario. L'étude a eu lieu dans une rue appelée Leganitos, à Madrid/Espagne, et était basée sur le concept d'espace urbain de Michel de Certeau. Deux catégories d'analyse en sont issues, les espaces de permanence et les espaces de changement. L'objet de cet article est de réaliser une interprétation de

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

l'étude précitée, basée sur le concept de lieux de mémoire forgé par Pierre Nora, du point de vue du domaine de la connaissance de l'histoire.

### **MOTS-CLÉS**

Espaces de Permanence; Espaces de Changement; Lieux de Mémoire.

### ***ESPACIOS DE PERMANENCIA, ESPACIOS DE CAMBIO Y LUGARES DE MEMORIAS: POSIBILIDADES DE INTERPRETACIÓN DE LOS ESPACIOS URBANOS EN LA CIUDAD CONTEMPORÁNEA***

### **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es revisar consideraciones teórico-metodológicas de un estudio realizado desde la perspectiva del área de conocimiento de la antropología urbana que tuvo como tema el modo de vida de la ciudad contemporánea, caracterizada por heterogéneos usuarios y prácticas, que repercuten en el escenario material del espacio urbano. El estudio tuvo lugar en una calle llamada Leganitos, en Madrid/España, y se basó en el concepto de espacio urbano de Michel de Certeau. De ella se derivaron dos categorías de análisis, espacios de permanencia y espacios de cambio. El presente artículo tiene como propósito realizar una interpretación del citado estudio, a partir del concepto de lugares de memoria acuñado por Pierre Nora, desde la perspectiva del área de conocimiento de la historia.

### **PALABRAS CLAVE**

Espacios de Permanencia; Espacios de Cambio; Lugares de Memoria.

## INTRODUÇÃO

As cidades têm sido objeto de pesquisa das mais diversas áreas do conhecimento, pois nelas tudo acontece. Nelas se aglomera a maior parte da população mundial que faz da cidade seu lugar de moradia, trabalho, estudo, lazer, entre outras tantas atividades. A cidade é lugar de vivência ou sobrevivência, e onde seus usuários constroem suas histórias e memórias e as histórias e memórias da cidade. A cidade contemporânea abriga numerosos e diversificados conjuntos populacionais em função da intensificação dos processos de mobilidade humana, como a imigração e o turismo, impulsionados diretamente pelo fenômeno da globalização. Aliás, nunca tivemos a prova tão concreta da intensidade da mobilidade humana, vide a forma assombrosa como, a partir do ano de 2020, o *SARS-CoV-2*, o COVID-19 se disseminou pelo planeta ocasionando a pandemia que estamos vivenciando hoje.

A intensidade com a qual as pessoas se deslocam fisicamente e se comunicam virtualmente, seja entre cidades, países ou continentes incide na dinamicidade do modo de vida das cidades contemporâneas, o que faz delas um espaço plural e mutante. Essas características demandam aos estudiosos das cidades a busca constante por diferentes perspectivas de análise para refletir, não somente sobre novos objetos de pesquisa, mas, também, para repensar objetos de pesquisa já trabalhados.

O objetivo deste artigo é o de revisitar considerações teórico-metodológicas originadas de um trabalho de campo realizado entre os anos de 2015 e 2016, em uma rua chamada Leganitos, localizada no Distrito Centro da cidade de Madrid, na Espanha. Partindo da ideia de *espaço urbano* de Certeau (2008), esse trabalho desde a área do conhecimento da antropologia urbana e, da análise de uma rua, sustentou um estudo cujo resultado evidenciou que cidade é constituída pela coexistência dinâmica de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* (PECIAR, 2018). Ou seja, espaços de moradia, trabalho, lazer, visitaçã o etc. cujas características materiais e imateriais demonstram a durabilidade de práticas e significados da cidade e/ou a inovação das mesmas, em função de seus diferentes usuários. A proposta aqui é a de realizar uma releitura desse estudo utilizando as lentes de Pierre Nora e sua noção de *lugares de memória*, elaborada desde a área do conhecimento da história<sup>2</sup>.

A Rua Leganitos possui as características comuns das demais ruas do chamado Centro Histórico de Madrid, como a arquitetura e outras referências que remetem à história e as tradições da tanto da Espanha como de Madrid, elementos identitários que se

---

<sup>2</sup> As considerações do autor, sobre *lugares de memória*, estão situadas originalmente na obra *Les Lieux de Mémoire*, composta por sete tomos, publicada no início dos anos 1980. Para a reflexão proposta neste artigo será utilizado o texto "Entre memória e história. A problemática dos lugares." traduzido do original em francês para o português e publicado pela Revista *Projeto História*-PUCSP, no ano de 1993.

manifestam nas materialidades do cenário urbano da rua. Porém, nesse contexto em que tudo parece remeter aos hábitos e costumes tipicamente espanhóis e/ou madrilênses, essa rua possuía singularidade de que nela instalou-se um conglomerado de comércios e serviços de coletivos imigrantes, em sua maioria, de imigrantes chineses<sup>3</sup>.

Em termos gerais, *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* são noções elaboradas a partir das características do cenário material e imaterial da Rua Leganitos.<sup>4</sup> Os *espaços de permanências* demonstram elementos e formas de relação com o espaço da rua mais duradouros e relacionados a usuários de longa data da Rua Leganitos, quando comparados aos *espaços de mudanças* que revelam o aparecimento de novos costumes e relações praticados por usuários mais recentes<sup>5</sup>.

Por seu turno, a noção de *lugar(es) de memória* de Pierre Nora assenta-se em uma discussão teórica mais ampla e profunda que trata da constituição da história oficial, normatizada, tomando como base principal de reflexão o contexto francês. Dessa forma, por meio de *lugar(es) de memória* o autor realiza uma crítica à história verticalizada e defende a importância das memórias extra oficiais, de coletivos particulares, minoritários, na constituição de uma história que considere, também, as vivências desses coletivos. Segundo o autor, a memória é por natureza múltipla, plural, individualizada, emerge de um grupo que ela une, o que torna a memória mesma um objeto de outras histórias possíveis. E, os *lugares de memória* são “lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (NORA, 1993, p. 22).

A partir do exposto propõe-se a seguinte reflexão: em que medida os chamados *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* da Rua Leganitos podem ser interpretados através da noção de *lugar(es) de memória*?

As três seções que se seguem tratam, respectivamente: de apontamentos empíricos, teóricos e metodológicos sobre o campo de pesquisa: a Rua Leganitos; da constituição dos *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* junto da apresentação de algumas imagens que ilustram esses espaços; e, por último, das possibilidades de se pensar a Rua Leganitos enquanto *lugar(es) de memória*, com base na perspectiva de Nora (1993).

---

<sup>3</sup> Essas características foram determinantes para delimitar a Rua Leganitos enquanto objeto de pesquisa, e o estudo desse contexto foi viabilizado por meio de técnicas atinentes ao método etnográfico.

<sup>4</sup> Investigadas por meio do mapeamento e análise da tipologia de seus usuários (moradores, trabalhadores, frequentadores, entre outros), da forma como esses sujeitos praticam e significam esse lugar, e de como esses processos imprimem marcas identitárias no cenário material dessa rua.

<sup>5</sup> Ambas as categorizações não se pretendem dicotômicas e nem se encerram em si mesmas. Tratam-se de categorias de análise que serviram como recurso classificatório da pluralidade social e das diferentes temporalidades que compõem esse espaço urbano.

## O CAMPO DA PESQUISA: APONTAMENTOS EMPÍRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A origem da Rua Leganitos remonta ao século XVI, quando em 1561, inicia-se o primeiro desenvolvimento urbanístico de Madrid, aos arredores de onde hoje está situado o Palácio Real, residência oficial dos reis da Espanha. Por esse motivo o bairro ao qual a Rua Leganitos pertence chama-se Bairro Palácio. Ao mesmo tempo em que essa rua fez parte da história e do berço da formação da cidade, atualmente, em termos de turismo interno e internacional, ela se insere no cenário mais prestigiado e movimentado de Madrid: o chamado Centro Histórico. No que tange às suas imediações, a rua está localizada junto a dois espaços públicos muito conhecidos, tanto pela população local, quanto por visitantes estrangeiros, a Praça Espanha e a Avenida Gran Vía. A primeira, repleta de ícones que fazem referência às tradições da Espanha, como por exemplo, o monumento a Miguel de Cervantes e, a segunda, a principal avenida comercial da capital. Sendo assim, o campo de pesquisa está localizado em uma parte da cidade de muito prestígio e de diversos apelos materiais e imateriais que fazem referência aos costumes tradicionais e à história de Madrid e da Espanha.

Em termos espaciais a Rua Leganitos é pequena, estreita e íngreme e composta por edifícios antigos que possuem em média quatro ou cinco andares conservando suas características arquitetônicas originais. Grande parte dos prédios é de uso residencial e a maioria abriga, em sua parte térrea, comércios variados. Em menor número, alguns edifícios da rua foram restaurados ou totalmente extinguidos, substituídos por novos no mesmo espaço físico, sendo transformados em hotéis ou centros comerciais<sup>6</sup>.

Em termos demográficos os usuários da rua são muito diversificados, espanhóis (de Madrid e de outras regiões do país), imigrantes (de diversas partes do mundo, mas em maior número da China) e turistas (do turismo interno e internacional). Durante o trabalho de campo, a grande traços, os usuários foram classificados como moradores e trabalhadores (antigos e novos), frequentadores (assíduos ou esporádicos) e transeuntes, de acordo aos distintos usos que fazem do espaço da rua, e/ou da forma como com ela se relacionam. Vale ressaltar que a pluralidade de usuários do espaço urbano verificada na Rua Leganitos não é uma característica exclusiva desse campo de pesquisa, mas verificada e analisada desde os primeiros estudos produzidos pela Escola de Chicago sobre o modo de vida da cidade, como é possível perceber na seguinte colocação:

[...] a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (WIRTH, 1987, p. 91).

---

<sup>6</sup> A etnografia da Rua Leganitos se deu em toda sua extensão.

A diversidade de usuários da cidade como característica basilar da vida urbana também tem sido refletida através da noção de *sociedades complexas*. Ou seja, sociedades que têm a heterogeneidade como característica principal manifestada na coexistência de diferentes estilos de vida e pluralidade de tradições, cujas bases podem ser ocupacional, étnica, religiosa, entre outras (VELHO, 1997). Esse fator faz pensar as cidades como lócus de uma complexa arquitetura de territórios complementares, fronteiras contraditórias e cruzadas que separam práticas sociais e visões de mundo discrepantes (ARANTES, 2000), e as coloca como lugares estratégicos para o estudo da cultura em termos de uma organização da diversidade (HANNERZ, 1999).

Seguindo essa esteira de pensamento a noção de Michel De Certeau sobre *espaço urbano* foi utilizada como categoria-guia de análise da Rua Leganitos e, também, como elemento principal de articulação do objetivo geral de pesquisa. O estudo objetivou oferecer uma interpretação sobre essa rua em termos de *lugar praticado* Certeau (2008), ou seja, através das práticas exercidas por seus diferentes usuários. A compreensão do *espaço urbano*, nos termos desse autor, ancora-se na diferenciação entre *espaço* e *lugar*, o que significa que o *espaço* se define por meio de práticas cotidianas realizadas pelas pessoas, usuários, que habitam, trabalham, frequentam ou transitam em um determinado *lugar*. E onde, por seu turno, o *lugar* condiz com um limite territorial da cidade, uma unidade física podendo ser uma praça, um parque, um bairro ou uma rua. Dessa forma é que a Rua Leganitos foi interpretada enquanto espaço urbano, através de seus usuários, que transformam *lugares* em *espaços*, e na forma que como eles se apropriam dela, por meio de suas atividades diárias, frequentes ou, ainda, por vezes esporádicas.

Metodologicamente, foi realizado uma etnografia urbana da Rua Leganitos. Durante o trabalho de campo, os dados foram obtidos por meio de técnicas de pesquisa como a observação participante, a *caminhada narrativa* (PECIAR, 2018; 2019; 2020), a realização de entrevistas e conversas informais, a realização de fotografias do local e pesquisa documental<sup>7</sup>.

O emprego da técnica da *observação participante* não se restringiu apenas à delimitação espacial da rua, mas também suas adjacências, incluindo outras partes do bairro Palácio, bem como outros bairros limítrofes a ele. Essa técnica foi empregada durante um período de seis meses consecutivos, primeiro como moradora temporária da rua e, posteriormente, através de visitas de frequência semanal. Foi durante a fase das visitas que surgiu a necessidade de elaborar uma técnica de pesquisa que desse conta de alguns

---

<sup>7</sup> A pesquisa documental refere-se à análise de livros, revistas e informações da internet sobre a cidade de Madrid e a Espanha. Especificamente foi realizada uma triagem de reportagens veiculadas pela mídia local de Madrid sobre a Rua Leganitos. As reportagens de temas variados possuíam em comum o fato de relatar eventos sobre o cotidiano da rua.

desafios particulares surgidos no campo, um processo que foi denominado como *caminhada narrativa*. Sumariamente, a técnica consistiu na prática de caminhar incontáveis vezes pelo espaço público, observando situações e pessoas, e de registrar, por meio de fotografias, aspectos da paisagem material da rua<sup>8</sup>. As entrevistas, formais, semiestruturadas, gravadas e transcritas, ocorreram com usuários da Rua Leganitos, entre eles, moradores, comerciantes e frequentadores assíduos da rua e suas adjacências urbanas<sup>9</sup>.

### **ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA E ESPAÇOS DE MUDANÇAS DA RUA LEGANITOS**

Conforme a seção anterior, as considerações teóricas e as técnicas de pesquisa utilizadas no estudo da Rua Leganitos foram decisivas para a realização de uma interpretação da rua em termos de *espaço urbano* (CERTEAU, 2008) e, na elaboração das categorias de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*, analisando diferenças que convivem e coexistem em uma mesma rua por meio de um processo de justaposição<sup>10</sup>.

Assim, no contexto da Rua Leganitos foram identificados, grosso modo, cinco grupos de usuários: moradores antigos, trabalhadores antigos, moradores novos, trabalhadores novos e frequentadores (assíduos ou esporádicos).

Os *espaços de permanências* da Rua Leganitos são apropriados e praticados por moradores antigos, trabalhadores antigos (empresários e funcionários) e frequentadores assíduos. São pessoas nativas da capital ou de outras partes do país, moradores de longa data da rua e/ou comerciantes que se dedicam por décadas a mesma atividade. Usuários que perpetuam costumes locais, nacionais, de comportamento e de consumo. Os *espaços de permanências* são compostos por comércios muitas vezes administrados por mais de uma geração de uma mesma família. Também por pessoas que não necessariamente morem ou trabalhem nessa rua, mas que a frequentam assiduamente, seja pela condição de clientes

---

<sup>8</sup> Parte dessas caminhadas foi realizada na companhia de alguns interlocutores da pesquisa, momentos em que o olhar e as narrativas deles (interlocutores/nativos) se misturaram com o meu olhar e minha narrativa (pesquisadora/estrangeira). Também, durante a prática das caminhadas, foram realizadas algumas pausas estratégicas para estabelecer conversas informais com outros usuários da rua.

<sup>9</sup> Cabe ressaltar que, a observação e a pesquisa sobre o contexto urbano de inserção da rua e o conjunto de técnicas de pesquisa descrito foram fundamentais e imprescindíveis na identificação dos *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* da Rua Leganitos. Porque, desde uma perspectiva antropológica, método e inferências teóricas alimentam um ao outro simultaneamente através de uma relação íntima e interdependente.

<sup>10</sup> As categorias supracitadas agrupam os usuários da Rua Leganitos em dois amplos conjuntos, mas não se pretendem dicotômicas nem estanques. Vale ressaltar, que a categorização é um princípio de apreensão dos objetos de pesquisa e, recurso investigativo basilar. Portanto, tais categorias não se configuram como uma sentença de verdade, considerando-se que, muito provavelmente, existam sujeitos que não estejam representados nessas categorias. Porém, elas se apresentam como possibilidades de interpretação, elaboradas em uma temporalidade específica.

cativos dos comércios, seja pela condição de visitantes aos moradores da rua, via laços de parentesco, amizade, entre outros. Dessa forma, define-se como os *espaços de permanências* aqueles vividos e constituídos por pessoas que possuem relações de proximidade e de reconhecimento mútuo com outros usuários da rua, e com seu espaço físico, relações que perduram, muitas vezes, por décadas. Usuários que se identificam com certas tradições e costumes locais ali praticados e, para os quais, o espaço da Rua Leganitos e os simbolismos presentes nas materialidades de seu cenário constituem, de alguma maneira, suas próprias biografias e memórias.

Destaca-se que o contexto urbano de inserção da Rua Leganitos, assim como ela própria, caracteriza-se por alusões à biografia da Espanha, em geral, e de Madrid, em particular. Nesse sentido, elementos que remetam ao Período Medieval, ao Sistema Monárquico e a religião católica são bastante recorrentes nesses espaços. E, na esteira desses elementos pode-se observar um legado de memórias e costumes historicamente sedimentados, através de hábitos gastronômicos, do culto à literatura, da conservação da arquitetura original, de placas condecorativas, etc.

O restaurante El Ingenio é um dos exemplos da exaltação e da valorização das tradições nacionais que oferece uma comida denominada típica e caseira. Sua fachada e toda sua decoração interior refletem em sua materialidade a referência ao escritor espanhol mais popular da Espanha, Miguel de Cervantes. Em funcionamento desde 1960, o restaurante é administrado por diferentes gerações de uma mesma família. O local dispõe de uma biblioteca para seus clientes com edições do livro Dom Quixote em mais de quarenta idiomas e dialetos distintos. A frequência a este local demonstra, em termos imateriais, a perpetuação e o apreço dos usuários da cidade pelos costumes locais. Ou seja, um lugar de vivência gastronômica e práticas urbanas cheio de significados que denotam um *espaço de permanências*.

**Figura 1. Restaurante El Ingenio, Rua Leganitos, nº 10.**



Fonte: Acervo da autora.

Na Rua Leganitos, outro local que sinaliza um *espaço de permanências* é a presença da Associação de Escritores e Artistas Espanhóis (AEAE), um lugar onde se reúne um grupo de pessoas com o objetivo de valorizar e divulgar a literatura e a arte nacionais. Em termos imateriais, trata-se da durabilidade de práticas dos usuários da cidade que denotam a manutenção da cultura local por meio de uma associação que foi fundada no final do século XIX. Como se pode apreciar na Figura 2, a presença do local no cenário material da rua é indicada por uma placa localizada na parte térrea do mesmo edifício do restaurante anterior<sup>11</sup>.

Figura 2. AEAE, Rua Leganitos, nº 10.



Fonte: acervo da autora.

Outros exemplos que constituem os *espaços de permanências* da Rua Leganitos em termos de materialidades são as placas condecorativas que, por sua vez, em termos imateriais sinalizam vivências e significados dos usuários da cidade, bem como, aspectos de sua biografia. Trata-se de referências a personalidades locais que foram moradores da Rua Leganitos no século XVIII, pela contribuição ao desenvolvimento cultural e urbanístico da cidade e do país. Abaixo, a Figura 3 ilustra a placa condecorativa que cristaliza a lembrança a Ventura Rodríguez, um importante arquiteto e professor que esteve vinculado a serviços prestados aos monarcas da Espanha.

<sup>11</sup> De acordo com informações obtidas dos interlocutores da pesquisa, no período do trabalho de campo a AEAE estava em atividade neste local.

Figura 3. Rua Leganitos, nº 13.



Fonte: acervo da autora.

Justapostos aos *espaços de permanências*, os *espaços de mudanças* são, em sua origem, constituídos, apropriados e praticados por outros sujeitos, moradores novos, trabalhadores novos (empresários e funcionários), e frequentadores (esporádicos). São pessoas estrangeiras que imigraram de outros países ou, mesmo, de outras partes da Espanha, para as quais o espaço da rua não possui o mesmo significado atribuído pelos grupos anteriores. Ou seja, usuários da rua que não praticam as tradições e costumes locais, não possuem uma memória biográfica atrelada a esse lugar, mas nesse mesmo espaço passam a introduzir hábitos e simbolismos novos, relacionados às suas identidades étnicas e as de seus países de origem. São moradores mais recentes (com relação aos anteriores), moradores temporários, estudantes, trabalhadores novos, especialmente estrangeiros, cujos negócios se dedicam à venda ou prestação de serviços, por vezes, direcionadas a atender as necessidades das demais pessoas do seu coletivo imigrante que vivem no Distrito Centro ou em outras partes da cidade de Madrid. Também constituem *espaços de mudanças* os turistas, frequentadores esporádicos, que se hospedam na Rua Leganitos ou em suas imediações, bem como pessoas de outras partes da cidade que utilizam essa via simplesmente como meio de passagem com o objetivo de chegar a outras partes do centro.

Nesse contexto tão diverso, ressalta-se que são os comércios chineses que chamam a atenção por apresentarem-se em maior número na Rua Leganitos, a ponto dela ser também chamada como “la calle de los chinos”, narrativa principalmente veiculada pelos meios de comunicação locais<sup>12</sup>. Os comércios chineses ganham destaque nessa pequena rua,

<sup>12</sup> Quer dizer, a “rua dos chineses”, narrativa evidenciada no estudo de (PECIAR, 2018) por meio de pesquisa documental conforme mencionado na nota 7 deste artigo. Dentro dessa pesquisa foi realizada uma triagem de reportagens veiculadas pelos meios de comunicação locais acerca da Rua Leganitos onde consta a menção a rua como “la calle de los chinos”. Também, por parte dos usuários da cidade, foi constatada durante o trabalho de campo, essa outra forma de se referir a rua,

não somente pela quantidade e variedade, mas também pela mudança radical que introduziram no aspecto do seu cenário material<sup>13</sup>. Essa presença que afere à Rua Leganitos um diferencial muito marcante com relação as demais ruas do Distrito Centro e do Centro Histórico de Madrid. Os logogramas<sup>14</sup> presentes nas fachadas dos quatorze comércios em atividade na rua, chamam a atenção ao dividir o espaço com as fachadas dos comércios mais tradicionais, o que evidencia as transformações do modo de vida da cidade, marcado pelos fenômenos de mobilidade espacial humana (HALL, 2004).

Na pequena Rua Leganitos o conglomerado de comércios e serviços do coletivo chinês inclui mini-mercados, lojas de informática, livraria, farmácia, salões de beleza, restaurantes, entre outros. E, entre os restaurantes da rua, o Orient (Figura 4) se destaca por suas inúmeras particularidades, denotando um *espaço de mudanças*, por meio da inserção de outros hábitos, outras vivências relacionadas não ao culto dos costumes tradicionais locais, mas ao ritmo do cotidiano frenético dos grandes centros urbanos.

**Figura 4. Restaurante Orient, Rua Leganitos, nº 37.**



Fonte: Acervo da autora.

O local possui um tamanho vantajoso para receber um grande número de pessoas, apresenta em seu interior uma decoração inteiramente contemporânea, com mobiliário novo e muitas luzes e ainda uma enorme televisão de tela plana que sintoniza canais da China exibidos em baixo volume, mas com a legenda em chinês. Este restaurante oferece uma grande variedade de comida asiática (chinesa em sua maioria, mas também japonesa e

---

contudo, em menor frequência, sendo a denominação oficial da rua a mais utilizada de modo geral pelas pessoas.

<sup>13</sup> Segundo os interlocutores da pesquisa, o estabelecimento dos primeiros comércios chineses na Rua Leganitos começou a ocorrer nos inícios dos anos 2000.

<sup>14</sup> Caracteres da escrita chinesa.

tailandesa) por um preço fixo, no qual o próprio cliente se serve, podendo repetir quantas vezes desejar. Esse tipo serviço é único na Rua Leganitos, onde predominam restaurantes mais intimistas, em espaços menores e com poucas mesas, geralmente de comida típica local e por meio do sistema *à la carte*, a exemplo do restaurante El Ingenio. Além do fato de que todos os funcionários do restaurante são chineses, os diferenciais do Orient atraem um público específico: muitos jovens, asiáticos ou não, e trabalhadores dos arredores da rua e adjacências que procuram por uma refeição rápida e a custo mais baixo que o usual.

Outro exemplo de *espacios de mudançase* que também reforça o codinome “la calle de los chinos” são os salões de beleza/estética que oferecem serviços de massagens, cortes e tingimento de cabelos e tratamentos capilares, como os famosos processos de alisamento. Os frequentadores desses estabelecimentos variam entre pessoas do coletivo imigrante chinês e de fora desse coletivo. Quando se observa a movimentação cotidiana desses locais, bem como os comentários presentes na internet sobre esses serviços, constata-se que em termos de vivências e práticas o público de usuários é, em sua maioria, feminino.

Figura 5. Peluquería Wanli, Rua Leganitos, nº 30.



Fonte: acervo da autora.

O local ilustrado na Figura 5 permaneceu abandonado durante todo o período do trabalho de campo, mas seguia de algum modo presente compondo o cenário material da rua, junto aos demais salões, ainda em atividade. É possível notar que da antiga Peluquería Wanli os logogramas no letreiro principal em cor azul, e logo abaixo dele, as imagens de pessoas de fenótipos orientais exibindo diferentes estilos de cabelo, ainda são elementos que se destacam na materialidade da paisagem urbana local, sinalizando marcas de origem, identidade e pertencimento, que revelam o aparecimento de novos costumes e relações praticados por usuários mais recentes no contexto da rua.

O exemplo da Peluquería Wanli ilustra não somente um espaço que se contrapõe em as características dos *espaços de permanências*, mas, também, uma das principais propriedades do modo de vida da cidade, ou seja, a dinamicidade, a forma como a paisagem material e imaterial pode mudar o tempo todo, assim como essa dinamicidade é produto de relações sociais entre indivíduos e coletivos heterogêneos.

No caso da Rua Leganitos, cada categoria de usuários, quer seja, moradores, trabalhadores, frequentadores e passantes, se relaciona com a rua e se apropria desse espaço de uma forma distinta, plural, o que é típico da conformação das “sociedades complexas” (VELHO, 1997), uma pluralidade que se reflete não somente na forma relacional e identitária das pessoas entre si, mas, também, das pessoas com o território (AUGÉ, 1994). E se desde os primórdios dos estudos urbanos a heterogeneidade social e cultural é observada como fator constituinte do modo de vida das grandes cidades. Na atualidade essa característica se coloca de forma ainda mais intensa em função dos processos de mobilidade humana, como o turismo e a imigração (SIMONICCA, 2007). Em outros termos, a cidade, por meio de suas diversificadas configurações espaço-temporais, congrega modos de vida que são criados e recriados a partir do significativo aumento da mobilidade espacial humana, acentuado pela globalização (HALL, 2004).

Assim, ambos, *espaços de permanência* e *espaços de mudanças* se justapõem, se articulam e articulam o cenário urbano da Rua Leganitos compondo, não somente a sua biografia passada e presente, mas, também, o modo de vida, a história e a memória da cidade de Madrid.

### **LUGARE(S) DE MEMÓRIA(S): OUTRAS POSSIBILIDADES PARA PENSAR AS CARACTERÍSTICAS DA RUA LEGANITOS**

No texto “Entre memória e história. A problemática dos lugares”<sup>15</sup> de Pierre Nora a definição acerca de *lugares de memória* do autor vai sendo construída através de ponderações distribuídas em três seções assim intituladas: “O fim da história-memória”, “A memória tomada como história” e “Os lugares de memória, uma outra história”.

O fim da história-memória refere-se à multiplicação das memórias particulares que reclamam a sua própria história, muitas vezes não representada pela história oficial. Também se refere ao papel da historiografia, ao retorno reflexivo da história sobre si mesma e a uma história que incorpora outros sujeitos, outras memórias, e novas formas de se relacionar com o passado.

Ainda nessa seção inicial, encontramos uma primeira definição sobre *lugares de memória* como “sinais de pertencimento e de reconhecimento de grupos numa sociedade

---

<sup>15</sup> Texto traduzido do original em francês para o português e publicado pela Revista *Projeto História*-PUCSP.

que só tende a reconhecer indivíduos iguais, uma sociedade que aplaina os particularismos” (NORA, 1993, p. 13).

O quadro seguinte demonstra de forma sistematizada e resumida a diferenciação que o autor realiza entre história e memória, base primária na compreensão do seu conceito de *lugares de memória*.

### Quadro 1. História *versus* Memória em Pierre Nora

HISTÓRIA	MEMÓRIA
- é a reconstrução, sempre problemática e incompleta do que não existe mais;	- é a vida, sempre carregada por grupos vivos, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações;
- é uma representação do passado;	- é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente;
- é uma operação intelectual e laica, utiliza análise e discurso crítico;	- é afetiva/mágica, se alimenta de lembranças vagas, flutuantes, particulares, simbólicas;
- pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá vocação para o universal.	- pertence aos grupos, é por natureza múltipla, coletiva, plural, individualizada, emerge de um grupo que ela une;

Fonte: Quadro da autora. Nota: Realizado com base nas informações das páginas 9 e 10 de Nora (1993).

Em relação às ideias do Quadro, vale ressaltar que Nora (1993) afirma categoricamente que história e memória são opostas em todos os aspectos e sublinha que os *lugares de memória* são constituídos como processo de oscilação entre ambas, como se pode verificar na seguinte colocação:

Lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais; lugares de unanimidade sem unanimismo que não exprimem mais nem convicção militante nem participação apaixonada, mas onde palpita ainda algo de vida simbólica. Oscilação do memorial ao histórico, de um mundo onde se tinham ancestrais a um mundo da relação contingente com aquilo que nos engendrou, passagem de uma história totêmica para uma história crítica, é o momento dos lugares de memória. (NORA, 1993, p. 14).

A complexidade do conceito começa a se clarificar quando Nora (1993) discorre sobre “A memória tomada como história”, na segunda seção do texto. Apesar de insistir na oposição entre memória e história, o autor destaca a necessidade da primeira instância pela segunda e adverte as diferenças entre “memória verdadeira” e “memória transformada/história-memória”. De acordo com o autor, “memória verdadeira” encontra-se no gesto, no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes, é social, coletiva imediata, relação pessoal do indivíduo com seu próprio passado, memória que o engaja e que faz com que o indivíduo se reencontre com seu pertencimento. De outro modo, a “memória

transformada/história-memória” é vivida como um dever, não na espontaneidade, ela é indireta, tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis, é a uma memória-arquivo, é a atomização de uma memória geral (NORA, 1993).

Em outras palavras, assim como os *lugares de memória* oscilam entre a memória e a história, também se constituem da “memória verdadeira” e da “memória transformada/história-memória”.

Após esse conjunto de colocações, é em “Os lugares de memória, uma outra história”, última seção do texto, que Nora (1993) aponta o que parece ser a característica máxima dos *lugares de memória*, quer seja, seus três aspectos fundamentais e simultâneos: o material, o funcional e o simbólico. Segundo o autor, os referidos aspectos coexistem sempre. O primeiro, por seu conteúdo demográfico, o segundo, porque garante a cristalização da lembrança e a sua transmissão e, o terceiro, porque se trata de um acontecimento e/ou experiência vivida de fato por um grupo particular.

Ainda, vale destacar que os elementos basilares dos *lugares de memória*, o material, o funcional e o simbólico dependem do fator da vontade/intenção dos grupos, e são atravessados constantemente pelo fator da mudança/metamorfose. Conforme o autor, o que impulsiona um lugar de memória é a “vontade de memória”, pois na falta dessa vontade, os lugares não serão *lugares de memória*, mas, apenas, lugares de história, porque os mesmos vivem somente de “sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22).

Nesses termos, o autor acrescenta uma interessante reflexão com relação à possibilidade de que eventos (acontecimentos) desfrutem do status de *lugar de memória*, apontando sobre essa situação as seguintes considerações e ressalvas:

Somente dois tipos (*de eventos*) dentre eles são relevantes, que não dependem, em nada de seu tamanho. De um lado os acontecimentos, por vezes ínfimos, apenas notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu a grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais. De outro lado, os acontecimentos onde, no limite, nada acontece, mas que são imediatamente carregados de sentido simbólico e que são eles próprios, no instante de seu desenvolvimento, sua própria comemoração antecipada. (NORA, 1993, p. 25).

E assim se delinea a complexa definição de *lugares de memórias*, uma complexidade que está entranhada no próprio processo analisado por Nora (1993). Porque *lugares de memória* são eles mesmos processos complexos, eles são “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (NORA, 1993, p. 21).

Com base no conjunto de premissas apresentado nessa seção e, a partir das informações exibidas nas seções anteriores deste artigo, retoma-se o questionamento proposto inicialmente: em que medida os chamados *espaços de permanências* e *espaços de*

*mudanças* da Rua Leganitos podem ser interpretados através da noção de *lugar(es) de memória*?

Na tentativa de responder a tais questionamentos propõem-se aqui dois exercícios de reflexão. O primeiro, parte dos fundamentos conceituais dos *lugares de memória* na direção de alguns aspectos gerais (empíricos e teóricos) do estudo da Rua Leganitos e, o segundo, parte de alguns dos exemplos de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* na direção dos fundamentos conceituais dos *lugares de memória*.

Começamos pelo primeiro exercício, retomando o tripé material/funcional/simbólico que constituem esses lugares. Iniciemos a análise resgatando uma das principais considerações empíricas do estudo da Rua Leganitos, a de que as práticas sociais e os significados atribuídos àquele espaço, por parte de um conjunto plural de usuários, reverberam na paisagem material da rua, por meio de marcas identitárias que nele se materializam. Dessas considerações pode-se traçar um paralelo com o tripé de elementos que fundamentam os *lugares de memória*. O material: faz-se presente no espaço da Rua Leganitos de forma quase que redundante e evidente e, alguns exemplos foram apresentados na seção anterior, através dos exemplos da fachada do restaurante El Ingenio, da placa que sinaliza a presença da AEAE, das placas que fazem referência a personalidades ilustres, na fachada do restaurante Orient e na fachada da desativada Peluquería Wanli.<sup>16</sup> O funcional: cada espaço da rua, seja de *permanências* ou de *mudanças*, possui uma função específica e um simbolismo particular para aqueles que o vivenciam. As funções dos espaços são variadas porque atendem as necessidades da vida cotidiana como moradia, trabalho, alimentação, cuidados pessoais, ócio, etc. O simbólico: está atrelado a essas funções quando extrapolam a esfera prática (cumprimento de necessidades básicas de sobrevivência) e se assentam na esfera simbólica, individual e/ou coletivamente, quando significados, pertencimentos, afetividades são acionados através de formas de morar, comer, se divertir, trabalhar, etc.

Novamente na mesma direção, com base no tripé material/funcional/simbólico retomando o conceito-chave que guiou a pesquisa, o de *espaço urbano* de Certeau (2008), também é possível estabelecer um paralelo com os elementos que sustentam os *lugares de memória*. O referido autor defende que o *espaço urbano* não se limita a um espaço físico da cidade (pensados enquanto praça, bairro, rua etc.), porque é preciso considerar as práticas cotidianas realizadas pelas pessoas em uma dada delimitação territorial, bem como os significados atribuídos por elas a essas práticas e a forma de vivenciar os determinados espaços. Ou seja, poder-se-ia inferir que, utilizando os termos de Nora (1993), o *espaço*

---

<sup>16</sup> Ilustrados nas figuras 1, 2, 3, 4 e 5 respectivamente.

urbana compreensão de Certeau (2008) também considera a simultaneidade do material, do funcional e do simbólico para sua concretização.

No segundo exercício, partiremos dos exemplos de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* buscando relações com as características constituintes dos *lugares de memória*.

Vejam os exemplos do Restaurante El Ingenio, *espaço de permanências*, um lugar que parece impulsionado por “vontade de memória” (NORA, 1993, p.22) porque manifesta a intenção de cultivar não somente uma culinária considerada genuína, mas a lembrança do maior ícone literário da Espanha, Miguel de Cervantes. A “ambiguidade”, outro elemento destacado por Nora (1993), parece se fazer presente aqui, na oscilação entre a “memória verdadeira” e a “memória transformada” em função do público frequentador do restaurante, usuários heterogêneos da cidade. Certamente, a prática de comer nesse lugar não tenha o mesmo simbolismo para todos. Porém existe uma prática social aqui que, impulsionado por “vontade de memória”, emerge daqueles que contribuem ou contribuíram com a doação de um exemplar de Dom Quixote para a biblioteca do restaurante, um esforço coletivo de se manter uma memória e uma tradição vivas. Ao mesmo tempo, assim como Nora (1993) aponta que os *lugares de memória* oscilam entre a história e a memória, poderíamos inferir também outro ponto de ambiguidade, já que a referida biblioteca também é um exemplo de uma “memória-arquivo”, que depende de suportes exteriores e de referências tangíveis.

Outro exemplo categorizado como *espaço de permanências* da Rua Leganitos foram as placas condecorativas que sinalizam a lembrança a personalidades que foram moradores da rua durante o século XVIII. Elas parecem se prestar diretamente a caracterização de Nora (1993) sobre a história, representação do passado, que pertence a todos e a ninguém ou, sobre a “memória transformada/história-memória”, memória indireta, que não é vivida na espontaneidade, mas por meio da atomização de uma memória geral. Pensando nessas placas condecorativas nos termos de Nora pode-se inferir que elas se traduzem como um “recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança” (NORA, 1993, p. 22).

De outro modo, o exemplo da Peluquería Wanli, categorizado como *espaço de mudanças*, e a sua condição de inatividade, de lugar onde houve práticas, sociabilidades, funcionalidade, simbolismo e que não existem mais, compõe o espaço urbano da Rua Leganitos por meio de sua fachada e de seu aspecto de abandono através de uma *materialidade* que ainda reverbera sinais de pertencimento e de reconhecimento de grupos. É dessa forma que o antigo salão de beleza, a Peluquería Wanli, ainda compartilha do espaço da Rua Leganitos, junto com outros empreendimentos do mesmo ramo, concorrentes que seguem em atividade. E, sua condição de inatividade espelha a dinamicidade do modo de vida das cidades contemporâneas, especialmente na sua esfera econômica. Em função das

considerações apresentadas, a Peluquería Wanli poderia ser pensada como *lugar de memória* uma vez que Nora (1993) sinaliza a aptidão para a “metamorfose” como uma de suas características<sup>17</sup>.

Após a reflexão sobre conjunto de exemplos pontuais, porque não pensar, em termos mais gerais, no próprio processo de instalação do conglomerado de comércios e serviços do coletivo imigrante chinês na Rua Leganitos como um evento que se constitui como um *lugar de memória*? Aos moldes das considerações de Nora (1993), determinados eventos (acontecimentos independentes do seu tamanho) podem se constituir como *lugares de memória* mesmo quando no momento que ocorram pareçam banais, mas que, com o passar do tempo retrospectivamente se percebe um processo de ruptura. Por seu turno, verifica-se que essa noção vai ao encontro do elemento da “metamorfose” dos *lugares de memória*, algo que parece ficar evidente quando a Rua Leganitos, situada no Distrito Centro de Madrid, contexto urbano marcado por uma série de simbolismos que remetem as tradições da Espanha, passa a ser conhecida, também, como *la calle de los chinos*.

Finalizados os dois exercícios propostos no início dessa seção infere-se que a Rua Leganitos pode ser repensada como *lugar de memória* dadas a próprias características de seus *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*. Porque em maior ou menor medida eles também são constituídos pelo tripé *material/funcional/simbólico* que fundamenta de modo geral a noção proposta por Nora (1993). Como ressalta o autor, se os *lugares de memória* oscilam entre a história e a memória e, no caso da Rua Leganitos, pode-se dizer que eles oscilam entre seus *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*, uma vez que características como “vontade de memória”, “memória verdadeira” ou “memória transformada”, “ambiguidade” e “metamorfose” encontram-se pulverizadas nesses espaços.

Assim como a história, o tempo e a mudança intervêm nos *lugares de memória* e os constituem, o mesmo ocorre nos espaços urbanos, como ilustrado neste artigo por meio da apresentação de parte de uma pesquisa de cunho etnográfico e da perspectiva da área de estudos da antropologia urbana. E, a definição de que os *lugares de memória* são “(...) lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (NORA, 1993, p. 22) poderia ser perfeitamente uma definição de espaço urbano, uma vez que inclui as principais características do modo de vida das cidades contemporâneas.

---

<sup>17</sup> Ainda que nesta seção não foram citados os exemplos da Associação de escritores e artistas espanhóis e do Restaurante Orient, de acordo com as reflexões expostas até o momento, entende-se que esses espaços poderiam ser pensados por meio da noção de *lugares de memória*, uma vez que elementos como materialidade, funcionalidade, simbolismo, também os constituem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentei um conjunto de interpretações elaboradas sobre uma rua, em termos de espaço urbano, originadas de um contexto e de uma temporalidade específicos. Revisitei considerações teórico-metodológicas de um trabalho de campo realizado entre os anos de 2015 e 2016, utilizando-me das lentes de Pierre Nora e seus lugares de memória como categoria de reflexão.

Evidenciou-se que revisitar objetos de pesquisa já estudados desde novas perspectivas de análise pode ser muito proveitoso. Por um lado, verificou-se que no estudo da Rua Leganitos as características de seus *espaços de permanências* e *mudanças* possuem correlações significativas com as características que fundamentam os *lugares de memória*. E, por outro, constatou-se que o espaço urbano como conceito, como categoria analítica possui uma curiosa correspondência com o conceito de lugares de memória.

Essas considerações ratificam o quão rica pode ser a contribuição de Pierre Nora, e seus lugares de memória, em diálogo com os estudos produzidos por etnografias urbanas assentados numa perspectiva antropológica da cidade.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, A. Antonio. **Paisagens Paulistanas. Transformações do Espaço Público**. Campinas: Editora Unicamp, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HANNERZ, Ulf. Os limites de nosso autoretrato. *Antropologia urbana e globalização*. **Mana**, v. 5, n. 1, p.149-155, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 07-28, 1993.

PECIAR, Paola Luciana Rodriguez. A rua e a justaposição de espaços de permanências e espaços de mudanças: reflexões acerca de uma experiência urbana e etnográfica. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189928>. Acesso em: 06 abr. 2018.

PECIAR, Paola Luciana Rodriguez. Caminhada Narrativa: técnicas combinadas em antropologia urbana. //: Anais do evento **Territorialidades, Deslocamentos, Paisagens Urbanas e Populações Tradicionais**. INCT/CNPq Brasil Plural, Florianópolis/SC: UDESC, 2019.

PECIAR, Paola Luciana Rodriguez. Pesquisando a cidade: alguns apontamentos sobre a Caminhada Narrativa. **Cadernos NAUI**, v. 9, n. 16, p. 44-54, 2020.

SIMONICCA, Alessandro. Conflicto(s) e interpretación: problemas de la antropología del turismo em las sociedades complejas. //: LAGUNAS, D. (Coord.). **Antropología y turismo: claves culturales y disciplinares**. México: Plaza y Valdés, 2007. p. 27-46.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. //: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 90-113.

Recebido em 30 de janeiro de 2022.  
Aprovado em 29 de setembro de 2022.